

O TEXTO: CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

*Ingedore G. Villaça Koch**

1 Introdução

É sabido que, conforme a perspectiva teórica que se adote, o mesmo objeto pode ser concebido de maneiras diversas. O conceito de texto não foge à regra. E mais: nos quadros mesmo da Lingüística Textual, que tem no texto seu objeto precípua de estudo, o conceito de texto varia conforme o autor e/ou a orientação teórica adotada.

Assim, pode-se verificar que, desde as origens da Lingüística do Texto até nossos dias, o texto foi visto de diferentes formas. Em um primeiro momento, foi concebido como: a. unidade lingüística (do sistema) superior à frase; b. sucessão ou combinação de frases; c. cadeia de pronominalizações ininterruptas; d. cadeia de isotopias; e. complexo de proposições semânticas. Já no interior de orientações de natureza pragmática, o texto passou a ser encarado, pelas teorias acionais, como uma seqüência de atos de fala; pelas vertentes cognitivistas, como fenômeno primariamente psíquico, resultado, portanto, de processos mentais; e pelas orientações que adotam por pressuposto a teoria da atividade comunicativa, como parte de atividades mais globais de comunicação, que vão muito além do texto em si, já que este constitui apenas uma fase deste processo global. Desta forma, o texto deixa de ser entendido como uma estrutura acabada, passando a ser abordado no seu próprio processo de planejamento, verbalização e construção.

2 Conceituação

Combinando estes últimos pontos de vista, o texto pode ser concebido

* Professora e pesquisadora da Unicamp.

como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, compreendendo processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana, e que são postos em ação em situações concretas de interação social. Defendo, portanto, a posição de que: a. a produção textual é um *atividade verbal*, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos de atividades; b. trata-se de uma *atividade consciente*, criativa, que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e a escolha de meios adequados à realização dos objetivos; isto é, trata-se de uma *atividade teleológica* que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal; c. é uma *atividade interacional*, orientada para os parceiros da comunicação, que, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade de produção textual.

Desta perspectiva, então, podemos dizer, numa primeira aproximação, que textos são resultados da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam ações no intuito de alcançar um fim social, de conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza.

Poder-se-ia, assim, conceituar o texto como uma manifestação verbal constituída de elementos lingüísticos intencionalmente selecionados e ordenados em seqüência, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (atuação) de acordo com práticas socioculturais (KOCH, 1992).

É esta também a posição de SCHMIDT, para quem o texto é “qualquer expressão de um conjunto lingüístico numa atividade de comunicação - no âmbito de um jogo de atuação comunicativa - tematicamente orientado e preenchendo uma função comunicativa reconhecível, ou seja, realizando um potencial ilocucionário reconhecível” (SCHMIDT, 1978: 170).

3 Sistemas de conhecimento acessados por ocasião do processamento textual

Para o processamento textual contribuem três grandes sistemas de conhecimento: o lingüístico, o enciclopédico e o interacional (HEINEMANN & VIEHWEGER, 1991).

O *conhecimento lingüístico* compreende o conhecimento gramatical e

o lexical, sendo o responsável pela articulação som-sentido. É ele o responsável, por exemplo, pela organização do material lingüístico na superfície textual, pelo uso dos meios coesivos que a língua nos põe à disposição para efetuar a remissão ou a seqüenciação textual, pela seleção lexical adequada ao tema e/ou aos modelos cognitivos ativados.

O *conhecimento enciclopédico* (ou conhecimento de mundo) é aquele que se encontra armazenado na memória de cada indivíduo, quer se trate de conhecimento do tipo declarativo (proposições a respeito dos fatos do mundo), quer do tipo procedural (os “modelos cognitivos” socioculturalmente determinados e adquiridos através da experiência). É com base em tais modelos, por exemplo, que se levantam hipóteses sobre o conteúdo do texto a partir de um título ou de uma manchete; que se criam expectativas sobre o(s) campo(s) lexical (ais) a ser(em) explorado(s) no texto; que se produzem as inferências que permitem suprir as lacunas ou incompletudes encontradas na superfície textual.

O conhecimento *interacional* é o conhecimento sobre as ações verbais, isto é, sobre as formas de *interação* através da linguagem. Engloba os conhecimentos do tipo ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural.

É o conhecimento *ilocucional* que permite reconhecer os objetivos ou propósitos que um falante, em dada situação de interação, pretende atingir. Trata-se de conhecimentos sobre *tipos de objetivos* (ou *tipos de atos de fala*), que costumam ser verbalizados por meio de enunciações características, embora seja também freqüente a sua realização por vias indiretas, o que exige dos interlocutores o conhecimento necessário para a captação do objetivo ilocucional.

O conhecimento *comunicacional* é aquele que diz respeito, por exemplo, às normas comunicativas gerais, como as máximas descritas por GRICE (1968); à quantidade de informação necessária numa situação concreta para que o parceiro seja capaz de reconstruir o objetivo do produtor do texto; à seleção da variante lingüística adequada a cada situação de interação e à adequação dos tipos de texto às situações comunicativas.

Através do conhecimento *metacomunicativo*, o produtor do texto procura evitar perturbações previsíveis na comunicação ou sanar (*on line* ou *a posteriori*) conflitos efetivamente ocorridos, introduzindo no texto sinais de articulação ou apoios textuais, e realizando atividades específicas de formulação ou construção textual (repetições, parafraseamento, resumos, correções, complementações, explicações, etc.). Trata-se de ações lingüísticas com as quais se procura assegurar a compreensão do texto e a aceitação dos objetivos com que

é produzido, monitorando com elas o fluxo verbal (MOTSCH & PASCH, 1985).

O conhecimento *superestrutural*, isto é, sobre estruturas ou modelos textuais globais, permite reconhecer textos como exemplares de determinada classe ou tipo; envolve, também, conhecimentos sobre as macrocategorias ou unidades globais que distinguem os vários tipos de textos, sobre a sua ordenação ou seqüenciação, bem como sobre a conexão entre objetivos, bases proposicionais e estruturas textuais globais.

HEINEMANN & VIEHWEGER (1991) salientam que, a cada um desses sistemas de conhecimento, corresponde um conhecimento específico sobre como “lidar” com ele, ou seja, um conhecimento *procedural*, isto é, das estratégias ou rotinas por meio das quais esses sistemas de conhecimento se atualizam quando do processamento textual.

Tal conhecimento engloba, também, o saber sobre as práticas peculiares ao meio sociocultural em que vivem os interactantes, bem como o domínio das estratégias de interação, como preservação das faces, representação positiva do “self”, polidez, negociação, atribuição de causas a mal entendidos ou fracassos na comunicação, entre outras.

4 Estratégias pragmáticas de processamento textual

Apenas para efeito de exposição, as estratégias de processamento textual serão aqui divididas em cognitivas, interacionais e textuais.

4.1 Estratégias cognitivas

Na acepção de van Dijk & Kintsch (1983:65), o processamento cognitivo de um texto consiste de diferentes estratégias processuais, entendendo-se estratégia como “uma instrução global para cada escolha a ser feita no curso da ação”. Tais estratégias consistem em hipóteses operacionais eficazes sobre a estrutura e o significado de um fragmento de texto ou de um texto inteiro. Elas fazem parte de nosso conhecimento geral, representando o conhecimento procedural que possuímos sobre compreensão de discurso. Trata-se de operações mentais, que possibilitam a permanente formação, atualização e modificação de nossos modelos cognitivos (frames, scripts, modelos de situação), bem como de nosso conhecimento enciclopédico, atitudes, ideologias. São operações táticas, “on line”, tentativas, mas extremamente rápidas, finalisticamente orientadas,

dependentes de contexto, que atuam paralelamente (isto é, simultaneamente em vários níveis) e que utilizam simultaneamente diferentes tipos de informação (na maioria das vezes incompleta). Assim, a análise estratégica depende não só de características textuais, como também de características do usuário da língua, tais como seus objetivos, convicções e conhecimento de mundo, quer se trate do conhecimento de tipo episódico, quer do conhecimento mais geral e abstrato, representado na memória semântica ou enciclopédica. Desta forma, as estratégias cognitivas consistem em **estratégias de uso** do conhecimento. E esse uso depende dos objetivos do usuário, da quantidade de conhecimento disponível a partir do texto e do contexto, bem como de suas crenças, opiniões e atitudes, o que torna possível, no momento da compreensão, reconstruir não somente o sentido intencionado pelo produtor do texto, mas também outros sentidos, não previstos ou não desejados pelo produtor. Van Dijk & Kintsch citam, entre as estratégias de processamento cognitivo, as estratégias proposicionais, as de coerência local, as macroestratégias, as estratégias esquemáticas, as estilísticas, as retóricas, as não-verbais e as conversacionais. Não cabe aqui aprofundar essas questões, para o que remeto ao trabalho desses autores.

Pode-se dizer, portanto, que as estratégias cognitivas, em sentido restrito, são aquelas que consistem na execução de algum “cálculo mental” por parte dos interlocutores. Exemplo prototípico são as inferências, que permitem gerar informação semântica nova a partir daquela dada, em certo contexto. Sendo a informação dos diversos níveis apenas em parte explicitada no texto, ficando a maior parte implícita, as inferências constituem estratégias cognitivas por meio das quais o ouvinte ou leitor, partindo da informação veiculada pelo texto e levando em conta o contexto (em sentido amplo), constrói novas representações mentais e/ou estabelece uma ponte entre segmentos textuais, ou entre informação explícita e informação não explicitada no texto.

As inferências são estratégias cognitivas comuns à modalidade escrita e falada. Existem, contudo, estratégias específicas da fala, como aquelas que venho denominando “estratégias de desaceleração” (Koch & Souza e Silva, 1994), algumas das quais, como, por exemplo, as pausas de planejamento, têm por função ganhar tempo para o processamento por ocasião da produção textual.

As estratégias de ordem cognitiva têm, assim, a função de permitir ou facilitar o processamento textual, quer em termos de produção, quer em termos de compreensão. As estratégias interacionais, por sua vez, visam a fazer com que os jogos de linguagem transcorram sem problemas, evitando o fracasso de interação.

4.2 Estratégias interacionais

Estratégias interacionais são, portanto, estratégias socioculturalmente determinadas que visam a estabelecer, manter e levar a bom termo uma interação verbal. Entre elas, podem-se mencionar, além daquelas relativas à realização dos diversos tipos de atos de fala, as estratégias de preservação das faces (“facework”) e/ou de representação positiva do “self”, que envolvem o uso das formas de atenuação, as estratégias de polidez, de negociação, de atribuição de causas aos mal entendidos, entre outras.

A estratégia de preservação das faces manifesta-se lingüisticamente através de atos preparatórios, eufemismos, rodeios, mudanças de tópicos e dos marcadores de atenuação em geral. O grau de polidez é socialmente determinado, em geral com base nos papéis sociais desempenhados pelos participantes, na necessidade de resguardar a própria face ou a do parceiro, ou, ainda, condicionado por normas culturais.

Conflitos, mal entendidos, situações que desencadeiam incompreensão mútua são inevitáveis no intercâmbio lingüístico. Para restabelecer a “commonality”, faz-se preciso, então, que as dificuldades sejam devidamente identificadas e atribuídas a possíveis causas subjacentes ao conflito. Como consequência da atribuição (adequada ou inadequada) de causas às dificuldades, os contratos subjacentes necessitam ser, muitas vezes, modificados, ou então, novos contratos devem ser estabelecidos para prevenir futuros problemas do mesmo tipo. Além disso, toda interação envolve a negociação de uma definição da própria situação e das normas que a governam. Na verdade, todos os aspectos da situação relativos aos participantes estão sujeitos à negociação. Isto vai resultar numa construção social da realidade, já que, sendo a realidade social e constituída no processo contínuo de interpretação, já que, sendo a realidade social constituída no processo contínuo de interpretação e interação, os seus vários aspectos podem ser considerados e (re)negociados de forma explícita ou implícita.

Portanto, as estratégias interacionais visam a levar a bom termo um “jogo de linguagem”. As estratégias textuais, por seu turno - que, obviamente não deixam de ser também interacionais e cognitivas em sentido lato - dizem respeito às formas de organização do texto com vistas à produção de determinados sentidos.

4.3 Estratégias textuais

As estratégias textuais consistem na seleção de diferentes formas de organização dos elementos lingüísticos no texto, tendo em vista a produção de sentidos. Isto é, a construção dos sentidos no texto depende, em grande parte, da forma como o usuário o organiza lingüisticamente.

A estrutura informacional de um texto prevê a necessidade de elementos dados e elementos novos. Com ancoragem na informação dada, opera-se a progressão textual, através da introdução de informação nova, estabelecendo-se, assim, relações de sentido entre: a. segmentos textuais de extensões variadas; b. segmentos textuais e conhecimentos prévios; c. segmentos textuais e conhecimentos e/ou práticas socioculturalmente partilhados.

As relações entre segmentos textuais estabelecem-se em vários níveis:

1. no interior do enunciado, através da articulação tema-remática (progressão temática) - a informação temática é normalmente dada, enquanto a remática constitui informação nova. O uso de um ou outro tipo de articulação tema-remática (progressão com tema constante, progressão linear, progressão com tema derivado, progressão por subdivisão do rema, etc.) tem a ver com o tipo de texto, com a modalidade (oral ou escrita), com os propósitos e atitudes do produtor;
2. entre orações de um mesmo período ou entre-períodos no interior de um parágrafo (encadeamento), por meio dos conectores interfrásticos, aqui considerados tanto aqueles que estabelecem relações de tipo lógico-semântico, como aqueles responsáveis pelo estabelecimento de relações discursivas ou argumentativas (KOCH, 1984, 1987 e 1989a);
3. entre parágrafos, seqüências ou partes inteiras do texto, por meio dos “articuladores textuais” ou também por mera justaposição;

Relações entre informação textualmente expressa e conhecimentos prévios e/ou partilhados podem ser estabelecidas por recurso à intertextualidade, à situação comunicativa e a todo o contexto sociocultural.

Entre as estratégias textuais, podem-se mencionar as de referenciação, de articulação tema-remática, as formas de encadeamento de enunciados visando à produção de dada orientação argumentativa, a combinação de diversos campos lexicais visando à construção de novos sentidos, as estratégias de desaceleração na fala, entre tantas outras. Examinarei aqui apenas as estratégias de articulação tema-remática e as de desaceleração do texto falado.

4.3.1 Estratégias de articulação tema-rema

Em termos de articulação tema-rema, particularmente na linguagem falada, tem-se, como mostram Koch & Oesterreicher (1991), a par de casos de integração sintática máxima, uma série de padrões expressivos em que se pode falar de *segmentação*. Nestes, a integração sintática reduzida ou mesmo inexistente resulta da possibilidade que tem o falante de introduzir de imediato um elemento temático, sem que a relação sintática com o(s) subsequente(s) já esteja (plenamente) planejada.

Além do aspecto do planejamento, outros parâmetros da interação face-a-face desempenham aqui papel relevante: a rápida alternância dos turnos, a expressividade, a inserção na situação comunicativa, entre outros.

Assim, ao lado das seqüências em que há integração plena entre elementos temáticos e remáticos, sem segmentações ou retomadas pronominais - as construções não marcadas, que constituem um padrão neutro em relação a oralidade/escrita - têm-se os procedimentos de tematização marcada, alguns também comuns aos textos oral e escrito, outros típicos apenas da modalidade oral. Pode-se dizer que, de modo geral, ao recorrer às construções com tema marcado, o falante seleciona um elemento (estado de coisas, propriedades, relação, coordenada espacial ou temporal, indivíduo ou grupo de indivíduos, etc.) sobre o qual seu enunciado deverá lançar nova luz, predicando algo que considera desconhecido pelo interlocutor. É por esta razão que o elemento tematizado desempenha papel relevante no processamento pragmático-cognitivo do sentido, na medida em que esta forma de organização é determinada não apenas por questões ligadas à continuidade ou mudança de tópico, como também por fatores como interesse, relevância, expressividade, necessidade de ganhar tempo para o planejamento da parte restante do enunciado, entre outros. Ainda mais: estabelecendo o quadro de referência no interior do qual o conteúdo proposicional do enunciado se verifica, a estratégia da tematização desempenha papel de relevo na construção da coerência.

A par das estratégias de tematização acima descritas, existem, também, as estratégias de *rematização*. A anteposição do rema ao tema constitui expressão de alto envolvimento emocional: na perspectiva do falante, permite-lhe antecipar na formulação aquilo que constitui a meta de sua comunicação; do ponto de vista do interlocutor, tal seqüência, acompanhada de acentuação entonacional do rema, é marcada relativamente à seqüência tema-rema. Também aqui verificam-se diferentes graus de integração sintática. Alguns dos casos em que a integração sintática se verifica - orações clivadas e pseudoclivadas - são comuns à fala e à escrita; outros, que pertencem à sintaxe expressiva, são prototípicos do oral

(por exemplo: "*natação* eu prefiro").

Em outras seqüências, o constituinte temático é introduzido apenas pronominalmente, anteposto ao rema, para ser depois retomado a título de informação mais pormenorizada. Trata-se dos deslocamentos à direita, procedimento bastante produtivo, que convalida, precisando-o melhor, o referente da forma pronominal. É o que se tem denominado, com freqüência, de *afterthoughts*, embora esta não me pareça uma designação adequada, já que o referente já se encontra previamente presente na mente do falante.

Há, ainda, seqüências formadas dos dois blocos - rema-tema - sem verbo, apenas justapostos sem vínculo sintático, em que ocorre um aumento da expressividade, a par de um menor esforço de planejamento (por exemplo: "*engraçadinha* ela!").

Em sua grande maioria, as estratégias de rematização são próprias da modalidade oral e, por serem expressão de envolvimento emocional, são mais comuns em situações informais de interação.

4.3.2 Estratégias de desaceleração do texto falado

Em Koch & Souza e Silva (1994), definimos as estratégias de desaceleração do texto falado como aquelas que visam a produzir algum tipo de ralentamento no ritmo da verbalização, com funções de ordem cognitiva-interacional. Entre tais estratégias, podem citar-se os vários tipos de *inserção* e de *reformulação*, além da *hesitação*, que consideramos como constitutiva do próprio processo de construção do texto falado, ligada à possibilidade mesma de sua emissão, em decorrência do fato de serem necessariamente simultâneos seu planejamento e sua verbalização.

As inserções têm, em geral, a função de facilitar a compreensão dos interlocutores, criando coordenadas para o estabelecimento de uma estrutura referencial, de modo que o material inserido não é supérfluo, isto é, não é eliminável sem prejuízo para a compreensão. Através de inserção, introduzem-se explicações ou justificativas, apresentam-se ilustrações ou exemplificações, fazem-se comentários metaformativos que têm, muitas vezes, a função de melhor organizar o mundo textual. A inserção pode ter, também, a função de despertar ou manter o interesse dos parceiros, como no caso da introdução de questões retóricas (recurso extremamente comum nos discursos didático e persuasivo) e/ou criar uma atmosfera de intimidade ou cumplicidade, como acontece no caso da introdução de comentários jocosos ou alusivos a convicções,

crenças e opiniões partilhadas pelos interlocutores. Pode, ainda, servir de suporte a uma argumentação em curso e/ou expressar a atitude do locutor perante o dito, introduzindo, por exemplo, atenuações, ressalvas, avaliações.

Quanto às estratégias de reformulação, postulamos que podem ser retóricas ou saneadoras. A reformulação retórica realiza-se, basicamente, através de repetições e parafraseamentos, cuja função precípua é a de reforçar a argumentação, sendo, nesse caso, comum às modalidades escrita e oral. Pode ter, também, a função de facilitar a compreensão através da desaceleração do ritmo da fala, dando ao(s) parceiro(s) tempo maior para o processamento do que está sendo dito.

Existe, também, uma série de repetições com funções nitidamente interacionais.

Repetem-se as palavras do parceiro para demonstrar interesse, aprovação, concordância e, com mudanças entonacionais sensíveis, discordância, crítica, desaprovação, sarcasmo ou, ainda, para produzir humor. Repetem-se as próprias palavras para segurar o turno que está em vias de ser assaltado ou para retomá-lo, após uma interrupção ou um assalto bem sucedido. Repetem-se, ainda, as palavras do parceiro, com entonação interrogativa, para pedir explicações ou complementação do que foi dito; ou, então, incorporam-se ao próprio texto, por meio de repetição, termos ou construções sugeridas pelo interlocutor, que vem em nosso auxílio fornecer uma palavra ou expressão que no momento nos falta.

A reformulação saneadora, por sua vez, pode ocorrer sob forma de correções ou reparos, e também de repetições e paráfrases, todas elas com função de solucionar, imediatamente após a verbalização de um segmento, dificuldades nele detectadas pelo próprio falante ou pelos parceiros, podendo, assim, ser auto ou heterocondicionada.

Por fim, as hesitações - que se manifestam por meio de pausas, preenchidas ou não, de alongamentos de vogais, consoantes ou sílabas iniciais ou finais, truncamentos oracionais, repetições de palavras de pequeno porte (artigos, preposições, conjunções) - têm a importante função cognitiva de ganhar tempo para o planejamento/verbalização do texto.

5 Considerações finais

O conjunto das estratégias aqui descritas permite constatar a enorme complexidade do processo de construção textual e a gama de atividades que os interlocutores realizam visando à produção de sentidos. Pode-se dizer que o

conjunto de regularidades passíveis de serem detectadas na atividade de produção textual - que consiste basicamente das estratégias acima descritas - constitui o subsistema de desempenho textual, pedra angular do sistema de desempenho lingüístico.

Um texto passa a existir no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação lingüística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido.

Portanto, à concepção de texto aqui representada subjaz o postulado básico de que o **sentido não está no texto mas se constrói a partir dele**, no curso de uma interação.

Para ilustrar essa afirmação, tem-se recorrido com freqüência à metáfora *iceberg*: como este, todo texto possui apenas uma pequena superfície exposta a uma imensa área imersa subjacente. Para se chegar às profundezas do implícito e dele extrair um sentido, faz-se necessário o recurso aos vários sistemas de conhecimento e a ativação de processos e estratégias cognitivas e interacionais.

Uma vez constituído **um-** e não **o-** sentido, adequado ao contexto, às imagens recíprocas dos parceiros da comunicação, ao tipo de atividade em curso, a manifestação verbal será considerada coerente pelos interactantes (KOCH, 1989b). E é a coerência assim estabelecida que, em uma situação concreta de atividade verbal - ou, se assim quisermos, em um "jogo de linguagem" - vai levar os parceiros da comunicação a identificar um texto como texto.

REFERÊNCIAS

- BEAUGRANDE, Robert de; DRESSLER, Wolfgang U. *Einführung in die Textlinguistik*. Tübingen: Niemeyer, 1981.
- GOFFMAN, E. 1981. "Footing", In: *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, p. 124-59.
- GRICE, Henry P. *Logic and conversation*. In: COLE, Peter & MORGAN, J.L. (Orgs.) *Syntax and Semantics 3: Speech Acts*. New York: Academic Press,

1975.

HEINEMANN, Wolfgang; VIEHWEGER, Dieter. *Textlinguistik: eine Einführung* Tübingen: Niemeyer, 1991.

KOCH, Ingedore G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

_____. *Dificuldades na leitura/produção de textos: os conectores interfrásticos*. In: KIRST, Marta; CLEMENTE, Elvo. *Linguística aplicada ao ensino do português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989a.

_____. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

KOCH, Ingedore G. V.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1989b.

KOCH, I.G.V. & M.C.P. de SOUZA e SILVA. 1994. "Estratégias de desaceleração do texto falado". In M. KATO (Org.) *Gramática do Português Falado*, vol. V, Campinas: Edunicamp, no prelo.

KOCH, P. & W. OESTERREICH. 1991. *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanish*, Tübingen, Niemeyer.

MOTSCH, Wolfgang; PASCH, Renate. *Illokutive Handlungen*. In: MOTSCH, W. (Org.). *Satz, Text, Sprachliche Handlung*. Berlin: Akademie Verlag, 1987.

SCHMIDT, Siegfried J. *Texttheorie. Probleme der sprachlichen Kommunikation*. München: Wilhelm Fink, 1973.

VAN DIJK, Teun A. *Modelos na memória - o papel das representações da situação no pensamento do discurso*. In: *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. & W. KINTSCH. 1983. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press.